

Parque Augusta: revelação de um jardim sagrado

Augusta Park: a sacred garden revelation

Parque Augusta: revelación de un jardín sagrado

*Samuel Kruchin, arquiteto, titular da Kruchin Arquitetura, São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: sk@kruchin.arq.br*

Para citar este artigo: KRUCHIN, S. Parque Augusta: revelação de um jardim sagrado. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 180-194, 2022. DOI 10.5935/cadernospos.v22n2p180-194

Submissão: 2022-03-09

Aceite: 2022-03-14

Resumo

Texto e imagens apresentam o projeto e a execução do Parque Augusta, área central da cidade de São Paulo, elaborado como convergência de múltiplos estratos históricos. Conceitos centrais de restauro estão presentes nos projetos das edificações remanescentes do antigo Colégio Des Oiseaux e na concepção global do parque, nas relações que se estabelecem entre um jardim histórico, revelado enquanto lugar do sagrado, e os novos ambientes que a ele se aderem. As etapas de seu desenvolvimento traduzem o ambiente de confronto entre a dinâmica dos empreendimentos privados, a gestão pública dos espaços abertos e as pressões de movimentos sociais pela preservação de áreas verdes, operando como centro de convergência e fator de conciliação entre as forças que produzem a cidade.

Palavras-chave: Parque Augusta; Restauro arquitetônico; Jardim histórico; Des Oiseaux; Patrimônio paisagístico.

Abstract

Text and images present the Augusta Park design and construction, São Paulo city central area, elaborated as a convergence of multiple historical strata. Restoration central concepts are present in the former projects of the Des Oiseaux School remaining buildings and, also, in the park global conception, as the established relationship between a historic garden, revealed as a place of the sacred, and the new environments that are connected to it. The development stages reflect the confrontation environment between the dynamics of private enterprises, the public management of open spaces, and the pressures of social movements for green areas preservation, operating as convergence a center and a conciliation factor between the forces that produce the city.

Keywords: Augusta Park; Architectural restoration; Historic garden; Des Oiseaux; Landscape heritage.

Resumen

Texto e imágenes presentan el diseño y la ejecución del Parque Augusta, área central de la ciudad de São Paulo, elaborado como una convergencia de múltiples estratos históricos. Conceptos centrales de restauración están presentes en los proyectos de los edificios restantes del antiguo Colegio Des Oiseaux y, también, en la concepción global del parque, en las relaciones que se establecen entre un jardín histórico, revelado como lugar de lo sagrado, y los nuevos entornos que están conectados a él. Las etapas de su desarrollo reflejan el ambiente de confrontación entre las dinámicas de la empresa privada, la gestión pública de los espacios libres y las presiones de los movimientos sociales por la preservación de las áreas verdes, operando como centro de convergencia y factor de conciliación entre las fuerzas que producen la ciudad.

Palabras clave: Parque de Augusta; Restauración arquitectónica; Jardín histórico; Des Oiseaux; Patrimonio paisajístico.

INTRODUÇÃO

Contar sobre esse projeto, o Parque Augusta, não é apenas falar dos conceitos que o definiram como espaço público, como paisagem urbana, mas contar também sobre o processo de projeto dentro de uma zona de confronto, onde colidiam com os interesses privados a gestão pública e grupos organizados com reivindicações específicas, o que impactou, diretamente, todo o processo de trabalho.

Primeira etapa: a revelação do lugar

É impossível dissociarmos esse lugar – qualquer lugar – dos espectros que o circundam, das memórias urbanas que estão ali, ainda instaladas: o palacete da família Uchôa, a Escola Santa Mônica, o imenso Colégio Des Oiseaux (Dos Pássaros), construção eclética do início do século XX, destinado à formação de meninas da elite paulistana e dirigido pelas cônegas de Santo Agostinho desde 1907, marcam presença no espaço do parque (Figura 1).



Figura 1: Colégio Des Oiseauax no início do século XX, projeto de Maximiliano Hell (1908) e Georg Przirembel (1917). Fonte: acervo do Colégio Des Oiseaux, 1919.

Pouco antes, já sem a presença da ordem religiosa, fora ocupado durante alguns anos pelo Colégio Equipe, constituindo, em meio à ditadura militar que sufocava o país, um lugar de liberdade, de conversa, de pensamento, de rebeldia, onde

poderiam ser encontrados Ricardo Maranhão, Agnaldo Gonçalves, Julio Abe e onde se podiam ouvir, em um pequeno pátio, Gonzaguinha, Gil ou José Celso Martinez Correia, contando de seu filme *Moçambique*. Onde se podia, entre os pássaros, respirar. Assim como em um parque.

Seu nome, Des Oiseaux, apesar da portentosa edificação, talvez não se tratasse de uma ideia tão estranha ao lugar... movida, cinco décadas depois, pelos ares de uma renovada rebeldia protagonizada por novos ativistas urbanos. Foi demolido em 1974.

Outras escolas e universidades compunham, e compõem ainda, o eixo urbano onde se encontrava o Des Oiseaux, estendendo-se da rua Caio Prado à avenida Higienópolis, como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), a Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (USP), o Colégio Sion, o Rio Branco. Sua demolição, associada aos interesses imobiliários de uma cidade em intensa transformação, onde os órgãos de preservação apenas iniciavam sua atividade, abriu uma imensa clareira, que assim permaneceu por quase 50 anos, uma clareira urbana e histórica.

Apenas em 2004, o Conselho Municipal Gestor da Preservação de Bens Culturais (Conpresp) definiu o tombamento de um bosque que ali havia sido formado, incluindo, no decreto, a antiga portaria, então muito alterada, e uma edificação remanescente em precário estado de conservação.

Note-se que não se faz qualquer menção à existência de nada mais que uma massa arbórea a ser preservada enquanto vegetação apenas, não enquanto um espaço arquitetônico ou paisagístico. Essa referência havia se perdido completamente (Figura 2).



Figura 2: Caminhos recobertos – situação anterior à intervenção. Fonte: Kruchin, 2018.

O interesse na proteção do local foi definido por meio de decretos municipais (1973/1989) e pelo Plano Diretor de 2002, sem que nunca tivessem sido efetivados pela municipalidade nos prazos estabelecidos para tanto, até que, em 2013, devolvido aos proprietários originais, o local foi vendido para dar lugar a um novo empreendimento imobiliário, saindo, assim, de uma situação de abandono.

A ideia de parque permaneceu, e a concepção desse novo projeto destinou 42% da área, 10.000 dos 24.000m², a um espaço de uso público a ser executado e mantido pelos novos proprietários (Figura 3).

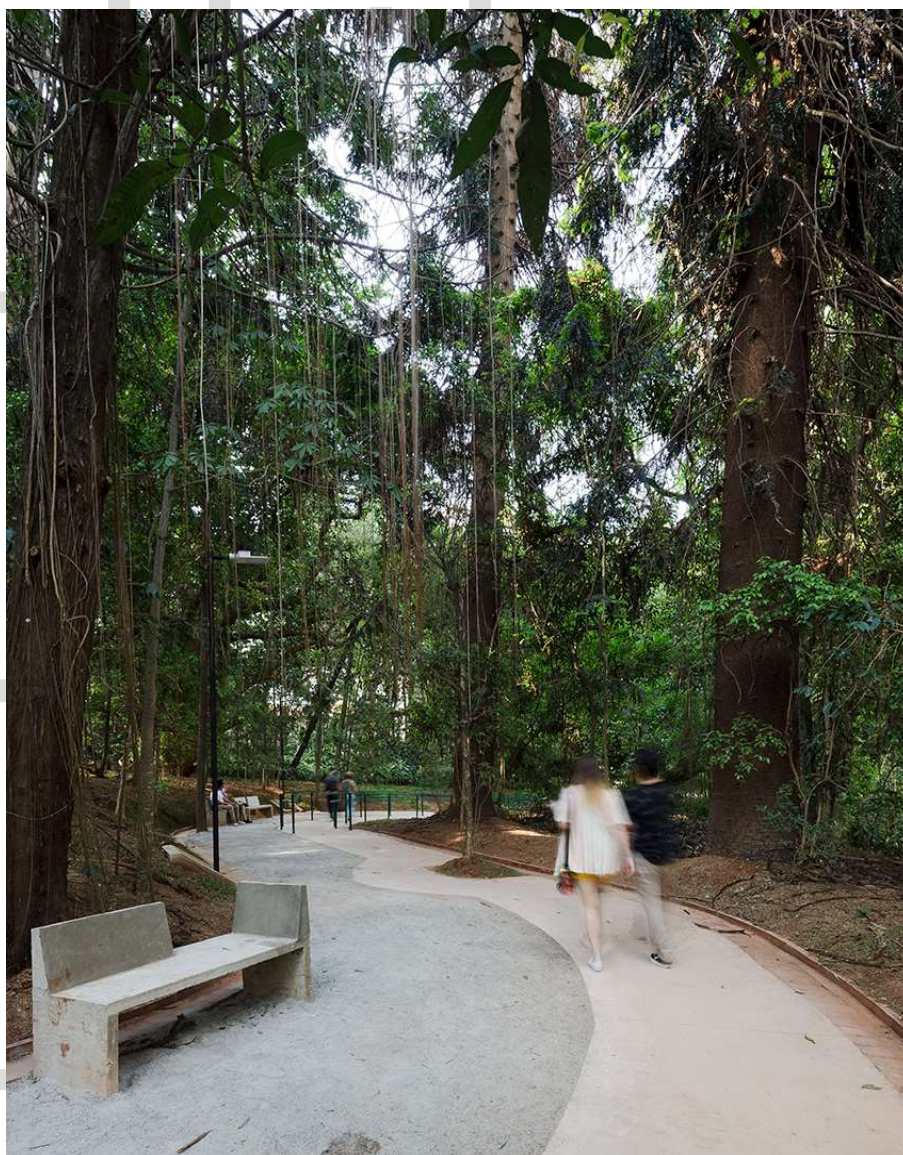


Figura 3: Setor do jardim restaurado. Fonte: Daniel Ducci, 2021.

Nesse momento, em 2017, definia-se a primeira etapa de projeto do Parque Augusta, associando-se novas edificações às áreas verdes e aos remanescentes preservados (Figura 4).

Paralelamente ao projeto, ainda soavam os ecos para que toda área fosse transformada em um parque em nome de uma bandeira estritamente ambiental: a última reserva da Mata Atlântica no coração da cidade de São Paulo.

Contudo, logo nos primeiros estudos, com o aprofundamento da análise física prospectiva da área e com a pesquisa histórica, vimos pelos levantamentos realizados que cerca de 70% da vegetação ali existente não era nativa, quase nada havia que sugerisse uma reserva de Mata Atlântica. Grandes e antigas araucárias australianas pontuavam de forma majestosa o bosque, entre outras espécies exóticas, como o jambolão, que havia se reproduzido por todos os cantos. Tratava-se, assim, de uma outra coisa, não de mata nativa.

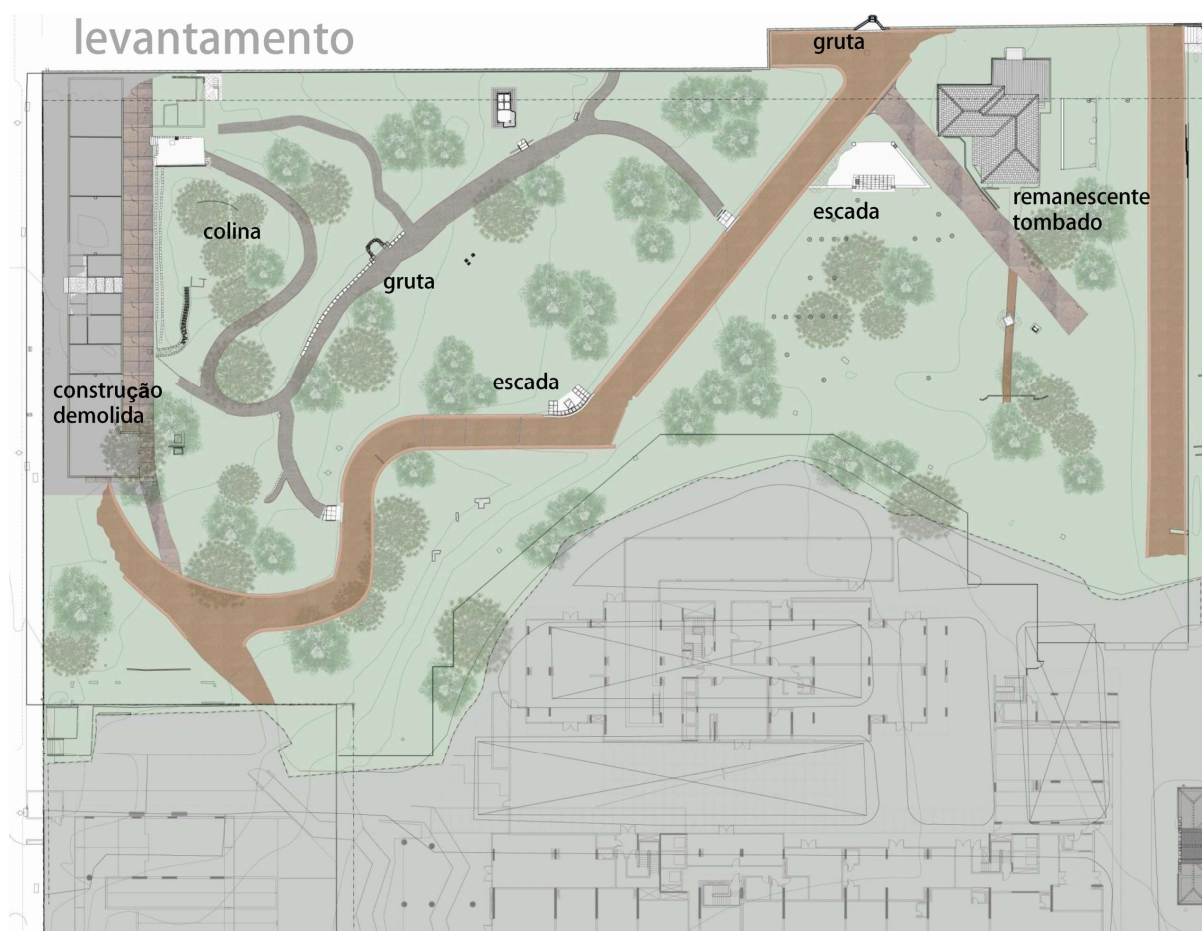


Figura 4: Registro das prospecções iniciais. Fonte: Kruchin, 2015.

Adentramos o bosque. As grandes árvores pareciam traçar caminhos, mais largos, mais estreitos, indefinidos pela terra ali acumulada, pelas camadas de folhas depositadas, que levavam a uma elevação já quase disforme e circundada pelas sobras de um muro de pedras sobrepostas. Pelo caminho, havia alguns oratórios dispersos e uma pequena gruta onde, em algum momento, esteve uma imagem.

No entremeio da vegetação que se instalou aleatoriamente nos anos de abandono, insinuava-se, portanto, uma ordem, um desenho, uma intenção: não se tratava de um bosque natural, mas de um jardim, um jardim centenário, o Jardim do Des Oiseaux, um jardim histórico de São Paulo.

Retiramos os excessos acumulados e ali estavam os tijolos margeando os traçados fragmentados das vias, degraus dispersos que levavam aos platôs mais elevados, pequenos ambientes ligeiramente identificáveis sob as novas sombras.

Interpretar os fragmentos, religá-los, encontrar o seu desenho, reconstituir os antigos passeios e fazer emergir, em meio ao bosque, o antigo jardim, tornou-se a alma primeira do projeto do parque, um parque a conter um jardim histórico (Figura 5).

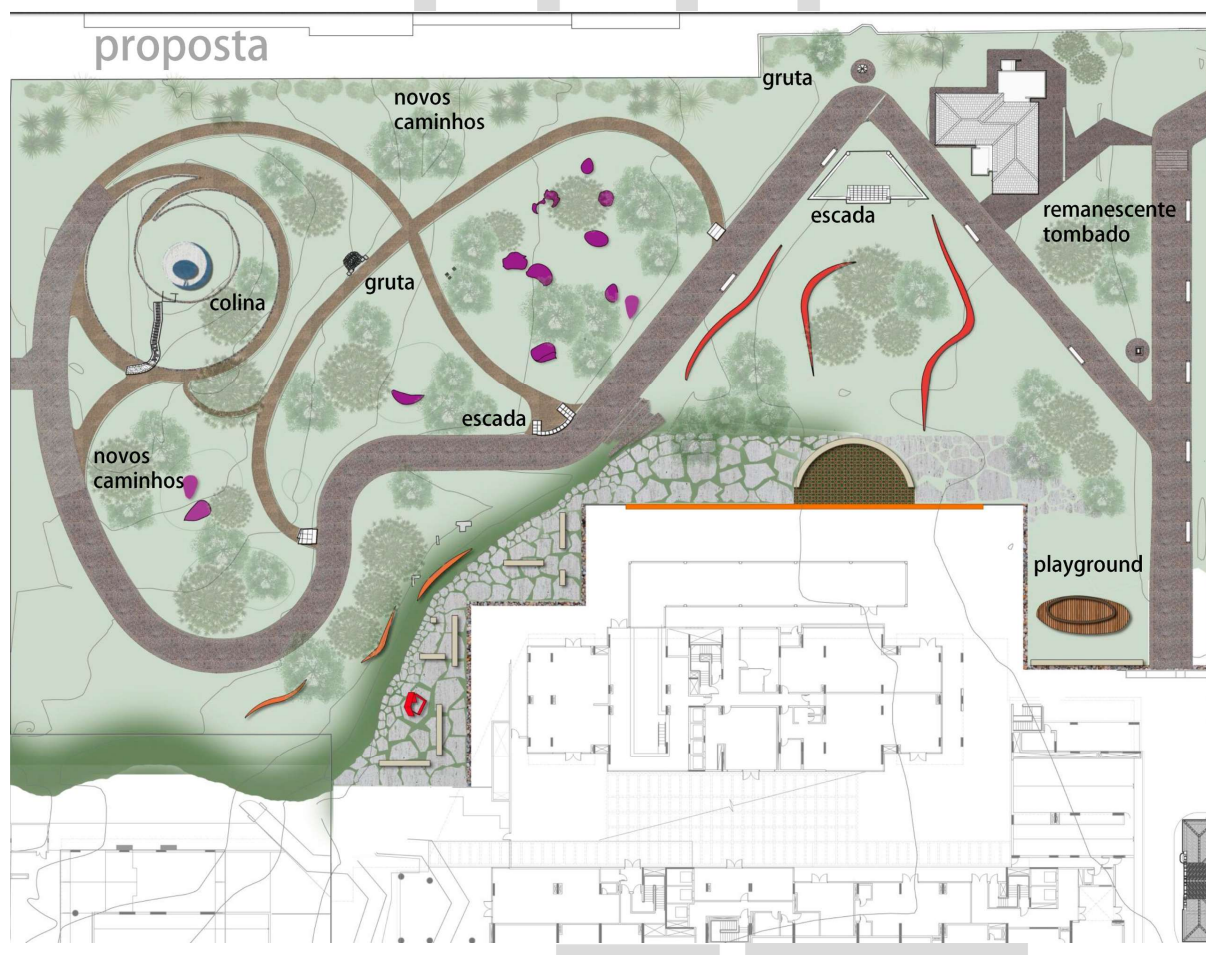


Figura 5: Reintegração dos jardins do Colégio Des Oiseaux. Fonte: Kruchin, 2015.

Das antigas freiras, ouvimos o relato de um espaço de meditação pontilhado por imagens de santos, que denominavam colina. Essa ali ainda permanecia, quase indecifrável, e era para lá que todos os caminhos nos levavam, para o alto.

Neste momento, já não podíamos ver apenas um jardim ornamental, mas um jardim consagrado, um lugar plasmado por certa dimensão do sagrado.

Caberia, então, ao projeto, lidar com dois planos sobrepostos: um ordenado como estrutura formal, como distribuição de espaços e vegetação, com seus componentes religiosos muito particulares; outro, de espaços ordenados pelo acaso, por uma vegetação que crescera aleatoriamente, o que ocasionava uma dualidade e a necessidade de uma decisão, qual seja, a de optar pela recomposição de seu primitivo desenho ou de manter a sobreposição entre ambas as situações, entre o ordenado e o aleatório, definindo um novo conjunto, entre uma história desenhada e outra produzida pelo abandono. Prevaleceu a opção que conta uma história mais completa desse espaço. Um terceiro plano se uniria aos anteriores, o desenho contemporâneo que construiria, sobre ambos, uma nova unidade (Figura 6).



Figura 6: Antiga portaria. Fonte: Daniel Ducci, 2021.

À restauração do jardim e de seus componentes, somaram-se, ainda nessa primeira fase, a portaria da antiga escola, cuja linguagem remetia ao ecletismo original, e a construção remanescente, de significado arquitetônico menos relevante e de funções menos claras para o conjunto primitivo. Por esse motivo, o conceito adotado para a primeira fase foi bastante conservador no sentido de realizar integral recomposição de seus principais componentes arquitetônicos, pilaretes em *simili pierre*, frontões e demais elementos ornamentais cujas referências puderam ser obtidas nas prospecções e pesquisas iconográficas. Já para a segunda edificação, também restaurada a partir de registros iconográficos, novos volumes foram agregados, em concreto, e um painel inteiro com um excepcional grafite, um tamanduá, executado no período em que a área esteve invadida, foi mantido enquanto obra de arte incorporada ao espaço do parque (Figura 7).



Figura 7: Tamanduá (grafite preservado). Fonte: Daniel Ducci, 2021.

Vale lembrar, aqui, que o desenho dos novos equipamentos, nessa primeira etapa, especialmente os bancos coloridos distribuídos por todo ambiente, tinha como referência a natureza presente no lugar, as formas das sementes, as cores das flores que se depositavam pelo chão.

Segunda etapa: integração e unidade

Já concluída a etapa inicial de projeto, paralelamente se intensificavam as negociações entre a esfera pública e a privada para cessão da área, abrindo-se, então, a segunda fase de projeto. O restante da área, agora, seria destinado a um parque público, o Parque Augusta.

Para nossa surpresa, ao recebermos da municipalidade o material com as referências para a continuidade do projeto, o estudo (Figura 8) contemplava apenas a nova área agregada. Uma grande mancha abstrata ocupava o espaço onde desenvolvemos a fase inicial. Ou seja, o jardim histórico, revelado e recomposto na etapa anterior, desaparecera por completo do plano geral, como se apenas uma parte do cenário existisse sem qualquer conexão programática, paisagística ou arquitetônica com o restante.



Figura 8: Integração entre o jardim histórico e os novos ambientes (1. Edificação remanescente; 2. colina; 3. clareira; 4. compostagem; 5. espaço para cães; 6. antiga portaria; 7. sanitários e administração; 8. arquibancada e deck; 9/10. playground).
Fonte: Kruchin, 2019.

A gestão pública desconhecia, ou, na melhor das hipóteses, não se deteve sequer minimamente naquilo que havia sido proposto anteriormente no âmbito privado. A dissociação era completa e o inimaginável, um fato.

Coube-nos, então, também o projeto dessa ampliação, permitindo a continuidade no processo.

A ideia, portanto, para um projeto global, seria reunir os setores dissociados e integrar ambas as áreas, os novos equipamentos à base histórica que imantava todo ambiente. Seria necessário constituir, uma vez mais, nova unidade, uma integração agora entre ambientes de naturezas diversas, um jardim histórico e o novo programa proposto para um parque completo (figuras 8 e 9).

Tal circunstância traduz, cabalmente, as dimensões do conflito que permeou o projeto e sua execução envolvendo a gestão pública, o empreendimento privado, e as pressões oriundas do ativismo social e que se refletem no próprio processo de projeto, como dissemos acima, fragmentando-o.



Figura 9: Espaços de sombra, espaços de luz. Fonte: Kruchin, 2019.

O projeto: alguns elementos

Como registro, o programa solicitava, essencialmente, equipamentos para infraestrutura de uso público, conforme indicam as peças gráficas aqui apresentadas.

Para a concepção dessa nova unidade, entendemos que a definição dos fluxos entre todos os setores do conjunto deveria ser o eixo central de projeto, decisivo para a fruição e para sua expressão paisagística. Era necessário que os percursos se encontrassem, que constituíssem um mesmo movimento definidor dos ambientes e que determinassem a estrutura de integração do parque por inteiro conectando, com naturalidade, os segmentos históricos aos novos ambientes.

Desse modo, chegando-se ao parque através da Praça Alta, pela rua Augusta, já com uma visada global do conjunto, passarelas metálicas conduziriam os frequentadores diretamente aos espaços históricos, serpenteando entre a vegetação mais densa, o que conectaria diretamente à cidade esse espaço que, de outro modo, poderia sentir o impacto de certo isolamento, sem que perdesse, no entanto, sua intimidade. Permitiriam acessar também, diretamente, as áreas abertas e ensolaradas da planície. E assim foram implantadas (Figura 10).



Figura 10: Passarelas de acesso ao jardim histórico. Fonte: Daniel Ducci, 2021.

Um segundo polo de convergência/distribuição está na entrada da rua Caio Prado através da antiga portaria. Ali, os caminhos conectam-se entre si, permitindo, a partir daquele ponto, dirigir-se a todos os ambientes, à clareira central, ao jardim e aos demais equipamentos.

Do mesmo modo que os caminhos do bosque levam à colina e à sua aura sagrada, os caminhos do parque levam à clareira central, à nova centralidade de um macroambiente, não mais à sombra, mas aberta à claridade, ao sol, ao encontro profano sob o azul do céu paulistano (Figura 11).

Ainda sobre o papel integrador dos caminhos, note-se que seu desenho, nas novas áreas, retoma a mesma solução encontrada no jardim histórico, ladeado por tijolos cerâmicos, o que enfatiza o desejado sentido de unidade, como se capturado pela linguagem preexistente para unir-se a ela, para desenhar um sentido de totalidade.

Ao longo de todos os percursos, distribuem-se os bancos em concreto, que foram especialmente projetados para relações diversas com cada ambiente, com seus encostos para um lado e para o outro, retomando a forma das namoradeiras e participando da definição de cada espaço, seja como objeto de estar, seja como objeto escultórico.



Figura 11: Clareira central e, ao fundo, a antiga portaria. Fonte: Daniel Ducci, 2021.

Um acesso complementar destinado a absorver, pela face Augusta, parte do público, também foi executado junto ao antigo muro de tijolos quando esse deixou de proteger o desnível existente entre a via e o interior do parque.

A terceira face, ao longo da rua Marquês de Paranaguá, onde os desníveis são significativos, foi destinada à infraestrutura de instalações e à compostagem, em razão de certo resguardo quanto ao fluxo de pessoas.

Toda a área de apoio está concentrada sob o acesso Augusta, assim como sob a arquibancada, abraçada, agora, por placas curvas em concreto, que insinuam desde longe os acessos às áreas de apoio, de modo que tudo esteja dissimulado enquanto edificação. Permite, também, que se constitua como elemento arquitetônico independente da Praça Alta, que sobre ela se estende ao conformar-se como expressão volumétrica autônoma (Figura 12).



Figura 12: Novas edificações, arquibancada. Fonte: Carolina Kruchin, 2022.

Outro importante remanescente é o longo muro em alvenaria de tijolos que ocupa quase totalidade da face Augusta do parque e que insistimos em manter, ainda que isso fosse pouco compreendido por alguns que desejavam que o parque fosse visto desde o exterior em toda sua extensão. Mas este parque tem suas particularidades.

O muro surge sobre arcadas de tijolos e estrutura-se através de gigantes situados no interior dos lotes, que, ao mesmo tempo, estruturam as próprias calçadas externas. Não se trata apenas de um fechamento, mas de um muro que define o espaço público ao mesmo tempo em que delimita o espaço privado, o que é historicamente relevante.

Algo que foge ainda à vista e que importa saber é que, sobre esses jardins, há, ainda intocado, todo o desenho da antiga escola, da igreja que ali existiu, seus pisos, escadas, as paredes de contorno – muitos de seus ambientes à espera, quem sabe, de um novo passo que os integre à paisagem do parque. No círculo central, nesse novo gramado, dispusemos, como esculturas ainda incompletas, parte das fundações da Escola Santa Mônica, encontradas durante as obras como referência ao que ali ainda permanece de registro de sua desaparecida arquitetura (Figura 13).



Figura 13: Fundações da Escola Santa Mônica; clareira central; e, ao fundo, a área infantil. Fonte: Carolina Kruchin, 2022.

O parque: múltiplas faces

Olhando para seu conjunto, o que vemos é um diálogo em permanente movimento: um diálogo entre um bosque e sua planície; entre a proteção das sombras e a abertura à claridade, à luz intensa; entre os lugares de reflexão, de introspecção, de leitura e música sobre a vegetação frondosa e os lugares onde o sol pode espalhar-se sobre os corpos quase desnudos, entre o isolamento possível e a convivência desejada com a multiplicidade.

É também um diálogo intertemporal entre história e contemporaneidade, entre um jardim histórico e um jardim contemporâneo, entre a destruição de um espaço e sua reconfiguração, entre o que permaneceu e sua recriação – daí tratar-se, essencialmente, de uma poética da história que tem nos conceitos mais íntimos do restauro a sua gênese.

Trata-se, portanto, de um restauro da paisagem, da paisagem urbana, de reconfiguração do aberto como o que congrega, o que aglutina a multiplicidade desse urbano, o restauro de uma dimensão de civilidade por todos compartilhada.

Não foi sem emoção que vimos, desde sua abertura, a alegria radiante em seus frequentadores por poderem dispor dessa cidade, que a todos se oferecia; da convivência natural entre todas as idades, todos os gêneros, todas as etnias, todos os estratos sociais – como um instante de dissipação possível das contradições e dos conflitos impostos por uma grande metrópole, como um instante em que as utopias parecem fazer sentido.

Não vemos o parque como uma obra acabada, mas como uma obra em processo, pronta para as novas possibilidades de um diálogo promissor e necessário entre natureza e história; entre aquilo que, no jardim dos pássaros, que traz as marcas do sagrado, pode ser natureza, e aquilo que, sob as impressões visíveis da natureza, é fundamentalmente história.

REFERÊNCIAS

KRUCHIN, S. J J Carol. São Paulo: J. J. Carol, 2008.

KRUCHIN S. *Samuel Kruchin Arquitetura*. São Paulo: J J Carol, 2018.

KRUCHIN S. *Uma poética da história* – obra de restauro. São Paulo: C4, 2012.